



FÓRUM

Entrevista com Osvaldo Murahara (Manabu-Kai Brasil): a dinâmica das Novas Religiões Japonesas e seu reflexo no Brasil

Interview with Osvaldo Murahara (Manabu-Kai Brasil): the dynamics of New Japanese Religions and their reflection in Brazil

Mariana Fernandes de Souza*

A seguinte entrevista, realizada no dia 29.02.2016 com o presidente e fundador da Manabu-kai Brasil, Osvaldo Murahara, tem como motivação o esclarecimento sobre o que seria um grupo considerado dissidente da Seicho-No-Ie. Murahara é nipobrasileiro, foi bolsista no Japão e estudou os ensinamentos da Seicho-No-Ie diretamente com seu fundador, Masaharu Taniguchi, na Academia de Tobitakyu, entre 1964 e 1967. Quando retornou ao Brasil, foi secretário da Associação dos Jovens e, anos depois, presidente de honra e diretor da Seicho-No-Ie, cargo que ocupou até início dos anos 2000.

Por conta de divergências com o atual presidente da SNI no Japão, Masanobu Taniguchi, e, conseqüentemente, diferenças com a direção da organização no Brasil, deixou a sede central para fundar sua própria instituição religiosa que, segundo ele, segue os verdadeiros ensinamentos que Masaharu Taniguchi deixou.

Fundada no Japão há 10 anos e trazida para o Brasil há cinco, a Manabu-kai alega que não é dissidente, mas sim a verdadeira Seicho-No-Ie. De acordo com o discurso de seus dirigentes, o atual presidente da SNI no Japão, por meio da modificação dos textos do ensinamento, estaria se afastando da doutrina original.

De forma pragmática, na entrevista, foram enfatizados os seguintes tópicos: 1) o que é a Manabu-kai e no que ela difere da Seicho-No-Ie; 2) como ela se adaptou e se organizou para atrair os antigos adeptos e os novos adeptos no Brasil; 3) o uso do idioma

* Graduada em Jornalismo (FMU-FIAM), mestranda em Ciência da Religião (PUC-SP). E-mail maryfsouza@yahoo.com

japonês em seus textos e orações; 4) o uso da mitologia para fundamentar a doutrina; 5) a filosofia de não sectarismo; entre outros.

Acredita-se que essas informações revelam um aspecto interessante sobre o movimento das chamadas Novas Religiões Japonesas, tanto em um contexto internacional como dentro do contexto brasileiro.

O que é a Manabu-kai e no que ela difere da Seicho-No-Ie atual?

Somos um grupo de pessoas que conheceram a doutrina da Seicho-No-Ie da forma como ela foi concebida por seu fundador, o Mestre Masaharu Taniguchi. A diferença é que não aceitamos as modificações que foram feitas nos textos originais pelo atual presidente da SNI no Japão. Estudamos e disseminamos aquilo que é a Seicho-No-Ie. Eu diria que a instituição atual, sim, afastou-se do que ela era originalmente.

Quando a Manabu-kai foi fundada no Japão?

Ela apareceu quando as pessoas perceberam que a Seicho-No-Ie estava mudando a mensagem, os conceitos e, de uma forma concreta, a própria sede. Tiraram o Cristo Eterno, o símbolo da divindade de todas as religiões, da torre, um lugar alto e de respeito, e colocaram no solo, no capim. Essas coisas foram percebidas. Isso sem falar em todo material inédito deixado por Masaharu Taniguchi, que daria mais uns cem livros, que foi completamente ignorado e deixado de lado, em um depósito. Há mais de 10 anos os altos funcionários começaram a ver isso e, quando passaram a apontar essa discrepância, foram automaticamente afastados. Foi esse grupo que começou a Manabu.

E em que momento senhor entrou em contato com eles e decidiu que seria a hora de fazer o mesmo aqui no Brasil?

Você já amou alguém de verdade? Você trairia essa pessoa? Então, não posso trair o povo brasileiro, para quem ajudei a divulgar a Seicho-No-Ie.

E o senhor entrou em contato com a Manabu-kai japonesa mais ou menos no mesmo período em que ela foi fundada?

Sempre pegamos a vibração no ar, e comecei a perceber que estavam acontecendo muitas mudanças. Fui atrás de uma pessoa da família Taniguchi que estava vivendo e divulgando a doutrina na Austrália, para que ela tentasse me explicar o que estava

acontecendo. Mas não consegui contato. Logo na sequência recebi uma revista da Manabu. Quando esse material veio parar na minha mão, imediatamente fui para o Japão. Lá, os professores Haruto Shirouzo e Yukihiro Maehara¹ me receberam. Conversamos, traduzimos o livro e foi como fogo. A partir de uma faísca, hoje estamos acendendo o estopim dos companheiros brasileiros.

A Manabu-kai é considerada uma religião ou um grupo que estuda a filosofia deixada por Masaharu Taniguchi?

Nós nos baseamos na Verdade. Isto é, a filosofia da Seicho-No-Ie, que não é uma filosofia que já existia antes. Estudamos e praticamos essa Verdade e ela é sim, além de uma filosofia e um movimento cultural, uma religião.

Qual a intenção da Manabu-kai: tornar-se uma religião independente da Seicho-No-Ie ou ela é um movimento para pressionar a SNI a retornar às suas origens?

A palavra independente tem em “in” aquilo que significa interior. Ou seja, algo que vem de dentro. O que nós queremos vem do interior, é a Verdade. Não temos a intenção de ser uma religião à parte da Seicho-No-Ie porque seguimos a doutrina sem nenhum tipo de deturpação ou manipulação.

O discurso atual da Sede Central da Seicho-No-Ie se baseia na fé e na paz mundial, isso inclui o respeito e o cuidado com o meio ambiente. A Manabu-kai discorda dessa nova fala e acredita que ela chega a ser superficial. O senhor não acha que uma religião deva tratar de assuntos cotidianos do homem, até mesmo em um esforço de educá-lo?

Esse discurso não vai ao encontro do discurso original da Seicho-No-Ie, em realidade ele contraria os fundamentos. O homem que está em harmonia, em paz e conciliado com todas as coisas do Céu e da Terra, não precisa ser educado neste sentido. O discurso original educa sim o homem, mas fazendo com que ele reconheça sua realidade de filho de Deus, perfeito. Quando se conscientiza disso, não precisa que alguém diga que ele deve preservar o meio ambiente, cuidar dos animais e plantas, por exemplo, porque será uma atitude natural.

¹ Respectivamente, Presidente da Komyo Shisousha – editora dos livros Jisso da Vida – e Vice-Presidente da Manabu-kai.

A doutrina da Seicho-No-Ie é muito nova, eu diria que até contemporânea, já que sua obra fundamental, *Seimei no Jisso (A Verdade da Vida)*, foi concebida na década de 30. De qualquer maneira, toda religião, em algum ponto da sua história, foi obrigada a revisar muitos de seus conceitos e até mesmo modernizá-los. O próprio Cristianismo esteve nessa posição algumas vezes ao longo da sua história. O senhor não acha que uma instituição que foi reconhecida em 1941 como uma religião pelo governo Imperial deveria passar por esse processo de revisão e modernização para o contexto que o mundo vive hoje?

A história do mundo visível, daquele que chamamos de fenômeno, é um registro dos fatos narrados pela mente de pessoas que viveram em determinado momento. Se uma outra pessoa que viveu em um outro tempo for narrar alguma coisa, certamente o personagem e o local serão outros. Mas toda história ensina algo: o que nós fizemos, o que estamos fazendo e o que devemos fazer. Todavia, esse direcionamento vai ter de estar conectado com uma forma de pensar que não afaste você do Jisso - nós usamos este termo para falar de Deus -, da Realidade. Então, quando Cristo disse “eu sou antes de Abraão”, ele transcendeu toda história humana. Eu Cristo, eu Filho de Deus ou a Verdade, transcende todo o fenômeno. Quando falamos em mudar algo do passado, reconhecemos que algo já mudou. Ou seja, aquilo já desapareceu, e seguimos a marcha da Verdade. É a vida dominando a morte.

A Manabu-kai oferece aulas sobre o Kojiki², algo que o ensinamento atual da Sede Central da Seicho-No-Ie não viu a necessidade de fazer. Qual a importância de passar para o brasileiro uma mitologia que explica, entre outras coisas, a descendência divina do imperador do Japão, sendo que nossa realidade é tão diferente e muitos brasileiros nem sabem exatamente o que significa a figura de um imperador?

Kojiki, como o próprio mestre afirma, não é obra de um autor particular, é algo que já estava no pensamento do povo e era vivido no seu cotidiano. Faz parte de um inconsciente coletivo. Kojiki é a obra mais antiga do Japão. “Ko” é antigo, “ji” é fato, “ki” são anotações. Portanto, não foi escrito sob a ótica do racionalismo ou dos cinco sentidos. Ela foi escrita sob uma forma intuitiva de ver a verdade. Em outras palavras, é a captação de algo sem fazer uso de intermediários.

O povo japonês é o número um em ver diretamente as coisas. Ele é especialista em captar os fatos. Ele sabia que a Terra era redonda, está registrado no Kojiki. Na época de desenvolvimento do Cristianismo, ou do Budismo, eu não sei se Jesus ou Buda

² Obra mais antiga da história japonesa que contém a mitologia dessa nação.

sabiam que a Terra era redonda. Não há registros disso. Mas no Kojiki, por meio da mitologia, isso está explicado com o Criador. Izanagi e Izanami foram as divindades que criaram o mundo. Izanagi é conhecimento espiritual e Izanami representa a cultura ocidental, ou seja, desenvolvimento por meio de conhecimentos científicos. Tem uma passagem em que Izanami morre ao dar à luz o filho Fogo, quando Izanagi, que seria a divindade masculina e o marido, vai à procura dela, encontra Izanami na horizontal. Quer dizer, é o pensamento horizontal. Ela tem o corpo cheio de vermes e oito trovões, que não quer dizer exatamente o número, oito é algo simbólico, mas sim que havia muitos trovões. Os trovões representam explosões e armas bélicas. Ela aí profetiza o fim da cultura ocidental, sustentada pelo materialismo. É o que foi narrado. Dá para concluir que os antigos perceberam isso, e esse material então serve de lição para a atualidade. Ele pode ser útil para nos orientar em como nos livrar desse final catastrófico.

A Manabu-kai fala muito da importância da figura do imperador. Como é possível contextualizar isso para o brasileiro?

Em tudo há um centro, desde o princípio do Universo. No corpo humano há a alma, o espírito. Você é uma existência espiritual. E nesse corpo há o organismo, existem células. Cada uma delas tem uma função. Mas se cada uma das células tomar uma direção, o centro é destruído. Não é possível haver milhares de centros no corpo humano. Entendemos que ele, nesse caso, é a alma. Por meio do espírito, e do processo mental, a pessoa organiza todo o conjunto. O pé, os dedos, o braço devem obedecer um comando. A cabeça não obedece a mão. A ideia que todo sistema obedece um centro apareceu na realidade como o imperador. Ele não é uma figura humana, ele é o símbolo do centro. O sistema solar tem um centro. Imagine o que aconteceria se a Terra ou a Lua comesçassem a girar contra o Sol. Até nisso o Japão tem o simbolismo, o Sol está na sua bandeira. O hino está ligado ao Sol. O país é hinomoto, ou seja, originário do sol. Bandeira, país e hino simbolizam uma coisa só.

Então o brasileiro pode trazer tudo isso para a sua realidade com a ideia de convergência ao centro, ou seja, voltar-se ao ser espiritual, que pode dar o comando para uma vida mais equilibrada.

Sim. Para o imperador não existe Brasil, França, Alemanha, Argentina. Existe um país onde todos são irmãos. Existe o centro e todos unidos. Quer dizer, nós somos um e muitos. Um e o infinito. Eu e o infinito somos um. Essa é a filosofia do imperador. E o imperador é o primeiro que teve a convicção de que existe divindade dentro do ser

humano. O primeiro que despertou para esse fato chama-se Jinmu Tenno. Não importa se historicamente esse personagem existiu ou não, mas sim que quem despertou para a ideia de que precisamos trabalhar na humanidade como irmãos foi considerado o imperador. Esse é o conceito.

Voltando para a parte doutrinária, a Manabu-kai reeditou o Sutra Sagrada Chuva de Néctar da Verdade, e está reeditando os livros da coleção Seimei No Jisso. Qual a intenção de vocês ao fazerem isso?

No Brasil, a detentora dos direitos autorais da coleção Seimei no Jisso (A Verdade da Vida) e A Sutra Sagrada Néctar da Verdade é a organização da qual nós fazemos parte, a Manabu-kai, por isso reeditamos esses livros.

Existem conteúdos que foram adulterados do original já que, de acordo com a ideia atual da SNI, eles poderiam não ser aceitos pelos adeptos. Alguns pontos básicos foram modificados e mais de 30 livros foram cortados. Se analisarmos quais os livros que a sociedade religiosa³ decidiu excluir, veremos que eles estavam justamente ligados a essas questões centrais, fundamentais, que eram o eixo. Por exemplo, sobre o amor ao país, sobre ver o Jisso do Japão, o Jisso do imperador, o Jisso da humanidade.

Essas questões que falam do centro não são simplesmente nacionalismo, não são um puxa-saquismo. Elas dizem que eu e o país somos um, o país também tem vida e é extensão da minha alma. Os livros com esses conceitos foram riscados.

E o senhor acredita que esses textos em vez de serem banidos, poderiam ser explicados de um modo em que as pessoas fossem capazes de contextualizá-los para o mundo atual?

O fato de tentar riscar isso significa que eles não viam mais a necessidade de algo que é verdadeiro e que foi útil. Por exemplo, ninguém enxerga a vida, mas nós estamos vivos. Vemos apenas aquilo que nossos olhos observam. Os cinco sentidos percebem tudo o que é matéria, que é sombra. Se você olhar só a matéria, será escravo dessa sombra. Você só vai enxergar o problema, o sofrimento, e não vai poder mudar nada. Enquanto que se for capaz de “enxergar” o que está atrás do que parece estar fazendo você sofrer, você se liberta.

³ Essa é a forma como o entrevistado se refere à Sede Central da Seicho-No-Ie.

A Manabu-kai tem a intenção de reeditar esses 30 livros nesse processo de relançamento das obras?

Nossa intenção é atender à necessidade e o que as pessoas estão pedindo. Estamos atendendo a um grande número de pessoas que estão em busca da origem do ensinamento. Se não fizermos isso, o ensinamento iniciado pelo Mestre, que salvou e continua salvando, pode deixar de salvar cada vez mais pessoas. Agimos para que todos tenham uma vida feliz e de qualidade. A ciência e a tecnologia avançaram bastante, mas e a qualidade de vida? A pessoa vai viver até 150 anos de que maneira? Corre-se o risco de aumentar o número de sanatórios para idosos. Se a Verdade, o que foi colocado no início, não for divulgada como a luz, vem uma outra coisa. E essa outra coisa não é o que o Mestre pregou.

A Manabu-kai defende que as orações devem ser feitas em japonês. Como um brasileiro que não sabe falar a língua vai rezar?

A oração está ligada à fé. Deus é invisível. Você não pode dizer que acredita nele apenas se o vir. A oração não se torna poderosa porque você a entendeu, ela é uma questão de fé, você é um com Deus, o que realmente existe. E o que existe realmente você não enxerga. Então, por que querer entender? A fé não vem pelo cérebro, ela é intuição. Nessa hora que há a vibração.

Então, se eu ler o Sutra em português, ele não vai ter o mesmo impacto?

Quem a lê em português e encontra ali sua fé, vai querer saber de onde aquilo veio. E aí irá inevitavelmente chegar no original em japonês. Ele vai querer saber se a tradução está correta, se é fiel. A procura pelo texto em japonês acaba sendo natural.

Os ensinamentos de Masaharu Taniguchi hoje são mais seguidos por brasileiros do que pelos próprios japoneses. Ele conseguiu um número maior de adeptos no Ocidente do que em seu próprio país de origem. A que o senhor atribui a popularidade do discurso dele no Brasil, sendo que somos tão distantes do Japão tanto geográfica como culturalmente?

Acredito que o brasileiro achou o que estava procurando. O Mestre conquistou o brasileiro, então é responsável pelo brasileiro, Pequeno Príncipe (risos).

Para o adepto, não fica confuso qual linha ele deve seguir se quiser ser Seicho-No-Ie: se a da Sede Central ou a da Manabu-kai?

Quem procura o caminho, vai descobrir. Agora, se você não encontrar o caminho, vai andar na escuridão. E quem anda na escuridão vai sofrer de depressão, neuroses. Essa confusão, do ponto de vista da psicologia, é confusão mental. É uma questão de cabeça. Se você tem uma boa cabeça, não vai ficar numa Seicho-No-Ie que não é Seicho-No-Ie.

E para quem está chegando agora e não faz ideia do que é Seicho-No-Ie? Como o senhor trabalha com o novo adepto?

Muitas pessoas se casam e dizem que a primeira página do relacionamento se iniciou apenas quando houve a cerimônia oficial. Mas sua história não começou com a outra pessoa apenas quando vocês se conheceram carnalmente, ela vem de muito antes, era história antiga das almas. Quem vem para a Manabu, já estava junto conosco desde o começo espiritualmente.

Muitas vezes já foi dito que o senhor estava maluco, que era velho e por isso estava começando a ficar senil, que seu discurso era de um louco. Como o senhor responde a isso?

Mas um maluco como eu é bom (risos). Já ouvi muitas pessoas falarem isso de mim, pessoas que vinham até aqui me contar o que tinham escutado. E eu sempre respondi: se você ouviu isso, então por que veio até aqui me ouvir? Maluco é aquele que não segue a Manabu. Todos nós fazemos certas loucuras no decorrer da vida. E eu posso até ser louco, mas não sou idiota.

A Seicho-No-Ie se diz uma religião não sectária. Muitas vezes se escuta que o adepto não precisa abandonar sua crença original para vir para a Seicho-No-Ie. Como é possível ser católico e Seicho-No-Ie ao mesmo tempo, por exemplo?

Você pode ser católico, vir de “x” religião, mas achar que católico Seicho-No-Ie é a mesma coisa que o outro católico é um grande erro. Se fosse a mesma coisa, não precisariam existir as duas. Quando você está no jardim da infância, gosta de ser bem tratado por suas professoras. Mas você não vai ficar para sempre no jardim da infância. A Manabu estaria acima da faculdade.

As cerimônias e cultos que fazem parte da Seicho-No-Ie foram criados por Masaharu Taniguchi ou foram absorvidos de outra religião, como o Xinto, por exemplo?

Existe cerimônia em tudo. Quando a namorada vai encontrar-se com seu querido, ela começa a se preparar com muitas horas de antecedência. Então, a cerimônia é isso. Quando você pensa em algo espiritual, você começa a se preparar para ter o encontro. A cerimônia é essa preparação para encontrar com algo sublime, como Deus. A cerimônia é uma experiência interior, ela é uma atividade astral. O importante é o espírito da coisa. Para que eu tenha concentração mental, preciso encontrar algo que tenha harmonia, e não criar atrito. Por exemplo, a meditação Shinsokan, quando o Mestre teve esse encontro espiritual ele se viu intuitivamente na posição da meditação quando despertou. Ele não se posicionou daquela forma, para depois encontrar-se com o absoluto. A nossa cerimônia é algo purificado que começou a se movimentar. Você já é luz e tem de conscientizar disso. É uma prática sem prática, você não precisa se prender. Mas o Mestre optou, sim, pelas práticas xintoístas.

O batismo e o casamento também são realizados na Manabu?

Sim, mas de maneira consciente. A pessoa tem desejo de se batizar e nos procura. Quando o pai obriga a criança, pode ser uma forma de tentar educar, mas tem de se respeitar a consciência da criança, não pode ser uma lavagem cerebral. Só é o batismo verdadeiro quando ele é uma escolha da própria pessoa, assim como Jesus procurou João Batista, tem de ser feita conscientemente. O batismo é feito aqui pela força da palavra, não é só jogar água na cabeça, tem que fazer uma declaração: que você não é matéria.

No caso do casamento, o correto, o que vale, é aquele foi oficializado em uma cerimônia. Tanto o registro legal, como na igreja. Antes do homem se unir com a mulher, tem que fazer a cerimônia. O casamento não é apenas para a reprodução, ele é o encontro para um completar o outro, o positivo e o negativo. O homem não pode viver só o seu lado masculino e desenvolver o seu lado de homem; assim como a mulher não pode viver só o seu lado. O homem tem que motivar esse espírito na mulher, que é amorosa, compreensiva. O homem precisa aprender esse lado da mulher e, ao mesmo tempo, a mulher não pode ser só a passiva, a que recebe, ela precisa também tomar decisões e avançar. Os dois juntos vão se realizando. Quando há o casamento os dois se tornam um.

Já que o senhor falou do papel da mulher, como é tratada a questão de gênero na Seicho-No-Ie? Qual o papel da mulher tanto dentro de um casamento, como na sociedade ou em uma instituição religiosa?

Segundo o Kojiki, que é o pensamento do japonês clássico, o Japão é o país que mais valoriza a mulher. Nossa divindade é mulher, a Amaterasu, e o estilo de vida é mulher, porque ela é amorosa, compreensiva, ela tem a força criadora. Agora, a mulher na vida prática é como um tecido que envolve tudo, e toma forma daquilo que ela envolve, ela se adapta e se adequa para harmonizar tudo. O homem tem de ser como uma agulha, a mulher como a linha. Como o arco e flecha. O homem é a flecha e a mulher o arco.

Houve um período em que Masaharu Taniguchi teve uma escola de preparação para noivas. No entanto, esse conceito não durou por muito tempo dentro da própria instituição. Qual foi a intenção dele?

Isso remonta à época da guerra. Não tinha só a escola de noivas, era a Fundação Seicho-No-Ie, porque o mestre foi obrigado a se afastar da presidência da instituição religiosa por força da guerra. Então ele usou o sistema democrático de organização de associações, e criou essa fundação para que pudesse ficar de fora, mas, ao mesmo tempo, ter a possibilidade de continuar trabalhando em seus ensinamentos. Ali eram feitas pesquisas no campo da psicologia, cuidava-se dos órfãos de guerra e das noivas que estavam esperando seus noivos voltarem da guerra para se casarem, eram mais de 10 atividades para o desenvolvimento humano em um período tão crítico da história do Japão.

Recebido: 12/05/2016

Aprovado: 17/07/2016